



**Universidade Federal do Piauí
Campus Ministro Reis Velloso
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPsi**

Ariane Viana Martins Portela

**Pressão Econômica e Conjugalidade: apreciação do(a) parceiro(a) e
manejo do dinheiro como explicadores da dinâmica conjugal**

**Parnaíba
2018**

Ariane Viana Martins Portela

Pressão Econômica e Conjugalidade: apreciação do(a) parceiro(a) e manejo do dinheiro como explicadores da dinâmica conjugal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Elisa de Assis Freire

**Parnaíba
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial Prof. Cândido Athayde – Campus Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

P843P Portela, Ariane Viana Martins.

Pressão econômica e conjugalidade: apreciação do(a) parceiro(a) e manejo do dinheiro como explicadores da dinâmica conjugal [manuscrito] / Ariane Viana Martins Portela. – 2018.

130 f.

Impresso por computador (printout).

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Piauí, 2018.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Sandra Elisa de Assis Freire.

1. Psicologia. 2. Pressão Econômica. 3. Conjugalidade. 4. Apreciação. 5. Manejo do Dinheiro. I. Título.

CDD: 150

Ariane Viana Martins Portela

Pressão Econômica e Conjugalidade: apreciação do(a) parceiro(a) e manejo do dinheiro como explicadores da dinâmica conjugal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em: 14/12/2018

Banca Examinadora:

Sandra Elisa de Assis Freire

Profa. Dra. Sandra Elisa de Assis Freire
Universidade Federal do Piauí (Orientadora)

Emerson Diógenes de Medeiros

Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros
Universidade Federal do Piauí (Avaliador Interno)

Marina Pereira Gonçalves

Profa. Dra. Marina Pereira Gonçalves
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Avaliadora Externa)

Aos meus pais

Agradecimentos

A Deus por me dar a vida, a saúde, a melhor família e amigos que eu poderia ter, por me dar as oportunidades que eu preciso e a coragem para abraçá-las.

Painho, obrigada pela sua luta árdua, com ou sem saúde. Sou grata pelos estudos e a vida que o senhor me proporcionou. És o meu exemplo de trabalho, dedicação e persistência. Obrigada por todas as ligações em que pouco falava, mas eu muito entendia quando estava longe de vocês. A sua voz grave e doce, e o seu cuidado fazem com que eu me sinta amada.

Mainha, agradeço pela dedicação para que tivéssemos a base necessária, o equilíbrio e a fé. Sou grata por abrir mão das suas necessidades para me possibilitar ser quem eu sou, por me dar o amor que eu preciso através do abraço sincero e da preocupação comigo. O seu amor me fez mais humana. A sua bondade, humildade e mansidão me ensinaram a ser gente.

Maninha Dedessa (Vanessa), obrigada por ser tão especial, por me trancar no quarto e me obrigar a escrever o alfabeto com a letra bonita (risos). Me espelhar em você fez com que eu buscasse melhorar. Obrigada por ser minha amiga de todas as horas. Agradeço a você e ao Julinho pelo apoio e por me darem José Gabriel para alegrar ainda mais a minha vida.

À minha irmã Valdívia, por me ensinar sobre fé e perseverança na árdua luta da vida. Às minhas sobrinhas-comadres Sibely e Michelly, por serem minhas grandes amigas desde 1990. Sou grata pelo carinho e por me darem os tesouros de vocês para serem meus afilhados.

Ao Eduardo, obrigada por acreditar em mim desde a 8ª série quando me ajudou a passar de ano. Em meio a esses 13 anos, sou grata por me incentivar quando pensei em desistir, por segurar a barra enquanto estive ausente, acreditando nos meus sonhos e

acolhendo-os como se fossem seus. Agradeço pelo carinho e esforço para não deixar faltar nada. Foi em cada um de vocês que eu pensei a cada vez que o fardo ficou pesado e que precisei de asas de águias para me reerguerem.

À querida “Tia Rita” (*in memorian*), serei eternamente grata por ter me amado como se eu fosse filha. A dor da despedida é pela saudade de todo o carinho que tinha comigo. Agradeço por você e o “Tio Portela” terem me acolhido tão bem na família de vocês.

Aos meus avós (*in memorian*), em especial à minha vó Anunciada, agradeço pelos pais maravilhosos que me deram. A maior lembrança que tenho da senhora é da sua força, resiliência e fé, que me faz buscar ser assim também um dia.

À minha doce orientadora Profa. Dra. Sandra Elisa de Assis Freire, você foi um anjo que Deus me deu na caminhada acadêmica. Sou grata pela acolhida como sua primeira mestrande, pelas trocas de conhecimentos no Núcleo de Pesquisa em Relacionamento Interpessoal (NUPRIN), por me instruir sobre a dissertação e a vida. Não vou esquecer que, ao invés de apenas me cobrar, você foi humana quando mais precisei, sem perder a competência e dedicação para fazer com que eu desse o meu melhor após cada orientação. E aos amigos do núcleo, agradeço pelas trocas de conhecimentos e a ajuda na divulgação da minha pesquisa.

À minha banca, agradeço por lerem o meu trabalho com a preocupação em colaborarem com a construção do conhecimento e a minha construção em mais um degrau de tantos que um dia eu sonhei. Prof. Dr. Emerson Diógenes de Medeiros, obrigada pelo respeito e a colaboração ao longo dos dois anos de mestrado e por me permitir participar das suas aulas de Psicometria na graduação. À Profa. Dra. Marina Pereira Gonçalves pela disponibilidade em aceitar o convite para ler e contribuir com a minha dissertação de forma tão acolhedora.

A todos os participantes do meu estudo, agradeço pela disposição e interesse em fazerem parte da pesquisa, mesmo tratando de assuntos tão particulares do casal.

Aos colegas do mestrado, sou grata por terem tornado o percurso mais leve com tanta alegria que me transmitiam. Em especial, à minha amiga Thaisa pelo companheirismo dividindo o apartamento e histórias de vida em meio àquelas cansativas madrugadas de estudo. Agradeço ao Ádilo, que foi quase um irmão, a quem admiro pela história de superação e a amizade que construímos. Aos meus amigos da “Linha 1”, as parcerias de vigílias e trocas me davam a alegria para ver só o lado bom da história, em especial agradeço ao Kairon, Carol e Bruno por tantas vivências partilhadas. Aos nobres professores do PPgPsi, obrigada pelo valioso aprendizado que me possibilitaram.

À minha equipe do Centro de Carreira do UniNovafapi, Jannayna, Ju, Will, Nadya, Giovanna e Mayra, agradeço por acreditarem em mim e no meu potencial, mesmo ainda estando em meio ao mestrado e por compreenderem quando precisei me ausentar. A amizade de vocês alegre e dá prazer ao meu trabalho. Em especial sou grata à minha amiga Psi. Juliana Fialho, com quem divido a rotina e os sonhos da profissão. E à Andressa e o Higor, nobres colegas de profissão e amigos da jornada.

Ao querido amigo Roberthy, jamais vou esquecer seu apoio quando saí do emprego e arrisquei de olhos fechados sem saber aonde iria dar. Obrigada por me apoiar, pela ajuda financeira para a realização do meu sonho e pela sua amizade sincera que vale mais que ouro.

Ao meu nobre amigo e professor Me. Carlos Antonio Santos, por um dia, lá no segundo período da graduação em Psicologia, despertar em mim o gosto pela pesquisa. Partiu dali a vontade de me tornar o que sou hoje. Agradeço pelo incentivo e por acreditar que eu seria capaz.

Aos meus incontáveis amigos de fé e de caminhada que fazem com que eu sinta o amor de Deus por mim através do carinho e da alegria de vocês. Eu posso dizer que sou muito abençoada por Deus por me cercar de tanto amor e me fazer tão feliz com as pessoas que Ele escolheu para serem instrumentos da sua obra na minha vida. Sou só gratidão!

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida*
(Maria, Maria – Milton Nascimento)

*Sei que os que confiam no Senhor
Revigoram suas forças, suas forças se renovam
Posso até cair ou vacilar, mas consigo levantar
Pois recebo d'Ele asas
E como águia, me preparo pra voar
Eu posso ir muito além de onde estou
Vou nas asas do Senhor
O Teu amor é o que me conduz
Posso voar e subir sem me cansar
Ir pra frente sem me fatigar
Vou com asas, como águia
Pois confio no Senhor!*
(Nas Asas do Senhor – Celina Borges)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE - Análise Fatorial Exploratória

APA - *American Psychological Association*

APPAL - Associação de Psicologia Positiva da América Latina

BCB - Banco Central do Brasil

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNS - Conselho Nacional de Saúde

CNTC - Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio

EAR - Escala de Apreciação em Relacionamentos

ENEF - Estratégia Nacional de Educação Financeira

FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

FSM - *Family Stress Model*

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PBF - Programa Bolsa Família

PIB - Produto Interno Bruto

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

QMD – Questionário sobre o Manejo do Dinheiro

QSPE – Questionário sobre a Pressão Econômica

REF - Relatório de Estabilidade Financeira

SPC - Serviço de Proteção ao Crédito – SPC Brasil

SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPI – Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Portela, A. V. M. (2018). Pressão Econômica e Conjugalidade: apreciação do(a) parceiro(a) e manejo do dinheiro como explicadores da dinâmica conjugal. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Piauí, Parnaíba, Piauí, Brasil.

O estudo objetivou analisar se a expressão de apreciação e o manejo do dinheiro predizem a forma como os casais enfrentam a pressão econômica no contexto da crise financeira. Para tanto, participaram da pesquisa 337 pessoas casadas da população geral, sendo a maioria do sexo feminino (61,4%), com média de idade de 36,4 anos (com amplitude de 18 a 71 anos; DP = 10,4). Destes, 97,6% assumiram uma identidade heterossexual, com ensino superior completo e pós-graduação (54,9%). Quanto ao tempo de relacionamento, apresentaram uma média de 11,9 anos (DP = 9,9) de união conjugal. Participaram pessoas de 13 estados brasileiros, com a maior parte delas do Piauí (84,3%) por conta da aplicação dos questionários de forma presencial, seguido do Maranhão (7,1%). Sobre a renda familiar, 66% declarou que a família se mantém com até cinco salários mínimos, sendo que 13,1% desses vivem com até um salário. Do total, 60,5% trabalha e 5,3% estão desempregados. A amostra foi de conveniência, não probabilística. Os participantes responderam aos seguintes instrumentos: Escala de Apreciação em Relacionamentos; Questionário sobre o Manejo do Dinheiro; Questionário sobre a Pressão Econômica e Questionário Sócio demográfico. Os dados foram tabulados e analisados no software SPSS para Windows, versão 23, onde foram calculadas as estatísticas descritivas (medidas de tendência central e dispersão, distribuição de frequências) para caracterizar a amostra, além das análises de Correlação r de *Pearson* e Regressão. Os resultados indicaram que a maioria das pessoas casadas utilizam o sistema de gestão compartilhada do dinheiro (51,6%), priorizam os gastos com alimentação (54%) e adotam como última prioridade as despesas com a saúde (6,2%). Houve correlação entre as variáveis sócio demográficas e as dimensões da pressão econômica, apontando que a classe social e a escolaridade possuem uma relação no enfrentamento da crise financeira. A infidelidade financeira foi declarada por 56,1%, afirmando que já esconderam seus gastos do cônjuge. Observaram-se correlações entre as dimensões da pressão econômica tanto com as de manejo do dinheiro quanto com as de apreciação em relacionamentos. Os resultados apontaram ainda que a apreciação, e principalmente, o manejo do dinheiro explicam a pressão econômica enfrentada pelos casais no contexto da crise financeira e, por isso, pode-se sugerir que se constituem como protetivos para o relacionamento. Desta forma, ressalta-se a relevância de ampliar a compreensão dos fatores que podem predizer a pressão econômica nos relacionamentos e auxiliar os casais a lidarem de modo satisfatório com as formas protetivas para a relação ao vivenciarem o contexto da crise financeira.

Palavras-chave: Pressão Econômica; Conjugalidade; Apreciação; Manejo do Dinheiro.

ABSTRACT

Portela, A. V. M. (2018). Economic Pressure and Conjugalitv: appreciation of the partner and money management as explainers of the conjugal dynamics. (Masters dissertation). Federal University of PiauÍ, ParnaÍba, PiauÍ, Brazil.

The study aimed to analyze whether the expression of appreciation and the management of money predict how couples face economic pressure in the context of the financial crisis. For that, 337 married people from the general population participated, with a majority of females (61,4%), with a mean age of 36,4 years (ranging from 18 to 71 years old, SD = 10,4). Of these, 97,6% assumed a heterosexual identity, with full tertiary and post-graduate education (54,9%). Regarding the time of relationship, they presented a mean of 11,9 years (SD = 9,9) of conjugal union. Participants from 13 Brazilian states, with the majority of them from PiauÍ (84,3%) due to the application of the questionnaires in person, followed by Maranhão (7,1%). Of the family income, 66% stated that the family maintains up to five minimum wages, with 13,1% of those living with up to one salary. Of the total, 60,5% work and 5,3% are unemployed. The sample was of convenience, not probabilistic. Participants answered the following instruments: Relationship Assessment Scale; Questionnaire on the Management of Money; Questionnaire on Economic Pressure and Questionnaire Socio-demographic. The data were tabulated and analyzed in SPSS software for Windows, version 23, where the descriptive statistics (measures of central tendency and dispersion, frequency distribution) were calculated to characterize the sample, in addition to Pearson correlation and Regression analyzes. The results indicated that the majority of married people use the shared money management system (51,6%), prioritize food expenses (54%) and adopt health expenditure as the last priority (6,2%). There was a correlation between socio-demographic variables and the dimensions of economic pressure, pointing out that social class and schooling have a relationship in facing the financial crisis. Financial infidelity was declared by 56,1%, stating that they have already hidden their spouse expenses. There were correlations between the dimensions of economic pressure with both money management and appreciation relationships. The results also pointed out that the appreciation and, above all, money management explain the economic pressure faced by the couples in the context of the financial crisis and, therefore, it may be suggested that they constitute protection for the relationship. In this way, the relevance of expanding the understanding of the factors that can predict the economic pressure in the relationships and of helping the couples to deal satisfactorily with the protective forms for the relationship when experiencing the context of the financial crisis is emphasized.

Keywords: Economic Pressure; Conjugalitv; Appreciation; Money Management.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	24
CAPÍTULO 1. CRISE FINANCEIRA: O IMPACTO NA DINÂMICA FAMILIAR E CONJUGAL	25
Resumo	26
1 REFERENCIAL TEÓRICO.....	27
1.1 Crise Financeira e a Dinâmica Familiar.....	32
1.2 Crise Financeira e a Dinâmica do Casal	38
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	44
CAPÍTULO 2. PRESSÃO ECONÔMICA E CONJUGALIDADE: CORRELATOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS – ARTIGO I	47
Resumo	48
Abstract.....	48
1 INTRODUÇÃO.....	49
2 MÉTODO	54
2.1 Participantes	54
2.2 Instrumentos.....	57
2.3 Procedimentos.....	60
2.4 Análise dos Dados.....	60
3 RESULTADOS	61
4 DISCUSSÃO	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75

REFERÊNCIAS	76
CAPÍTULO 3. APRECIÇÃO E MANEJO DO DINHEIRO COMO EXPLICADORES DA PRESSÃO ECONÔMICA ENFRENTADA PELAS PESSOAS CASADAS – ARTIGO II	80
Resumo	81
Abstract.....	82
1 INTRODUÇÃO.....	83
1.1 Modelo de Estresse Familiar e Pressão Econômica.....	83
1.2 A Apreciação no Contexto dos Relacionamentos.....	85
1.2.1 O construto da Apreciação em Relacionamentos Românticos.....	91
1.3 O Manejo do Dinheiro na Dinâmica Conjugal	93
2 MÉTODO	100
2.1 Participantes.....	100
2.2 Instrumentos.....	101
2.3 Procedimentos.....	103
2.4 Análise dos Dados.....	104
3 RESULTADOS	104
4 DISCUSSÃO	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
REFERÊNCIAS	115
CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
ANEXOS	122
ANEXO I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	123
ANEXO II. ESCALA DE APRECIÇÃO EM RELACIONAMENTOS.....	125
ANEXO III. QUESTIONÁRIO SOBRE O MANEJO DO DINHEIRO	126

ANEXO IV. QUESTIONÁRIO SOBRE A PRESSÃO ECONÔMICA	130
ANEXO V. QUESTIONÁRIO SÓCIO DEMOGRÁFICO	132
ANEXO VI. PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA UFPI.....	134

INTRODUÇÃO

O atual cenário econômico brasileiro tem provocado apreensão não só no meio empresarial e governamental, mas na população de um modo geral. A situação em que o país se encontra é de crise, que é comprovada pela alta inflação, o aumento no número de desempregados em relação aos anos anteriores, as evidências de corrupção e as dificuldades de ações concretas no que se refere aos ajustes fiscais (Kriger & Panichi, 2016).

Para Pignata e Carvalho (2015) esta situação de crise afeta a empregabilidade em diversos segmentos, refletindo no aumento da pobreza, o que envolve a sociedade como um todo.

Neste sentido, com a crise financeira há um aumento do estresse familiar, assim como de casais com sintomas depressivos e ansiosos por conta das dificuldades econômicas, além da possibilidade de uma postura hostil e de diminuição do suporte entre os cônjuges, o que leva ao aumento dos índices de situações conflituosas e de insatisfação conjugal, caso não saibam manejar a relação (Ferreira, 2014).

Outro aspecto que poderá afetar a relação neste contexto será a maneira como os cônjuges administram as finanças, quem vem a refletir na qualidade de vida dos membros da família por ter relação com o poder de cada indivíduo nas decisões (Ferreira-Valente & Coelho, 2015). Na visão das autoras, é importante acompanhar os efeitos da crise no relacionamento conjugal a longo prazo, pois existe a possibilidade de os casais serem mais afetados com o passar do tempo e caso haja a permanência da crise por períodos maiores.

Desta forma, são relevantes as contribuições de estudos que abordam finanças e conjugalidade (Cenci, Bona, Crestani & Habigzang, 2017; Gonçalves, 2016; Garbin,

Cenci & Luz, 2015; Cenci & Habigzang, 2015; Ferreira, 2014; Harth, 2013), de modo a ressaltar o quanto estes dois fatores estão intimamente relacionados na dinâmica do casal.

Diante do contexto apresentado, torna-se importante conceituar a “conjugalidade” para facilitar o entendimento. Ela é compreendida como a junção de duas individualidades que se encontram para formar a identidade como casal, passando a partilhar a percepção do mundo, da história de cada um, da visão de ser humano, as expectativas e os projetos que têm, com o desafio de iniciar, estruturar e manter a união (Féres-Carneiro, 1998). Tal desafio torna-se ainda mais significativo quando assuntos como dinheiro se fazem presentes.

Neste sentido, ressalta-se que a forma como os casais manejam o dinheiro pode ser um preditor da qualidade do relacionamento, sendo que estudo recente, aponta que cônjuges que manejam juntamente o dinheiro experimentam níveis mais elevados de qualidade conjugal, concordam mais quanto ao aspecto econômico e são mais felizes na relação (Cenci & Habigzang, 2015).

De encontro com estes resultados, Harth (2013) afirma que ao relacionar seus achados com estudos anteriores, confirmou que o manejo do dinheiro influencia nos relacionamentos conjugais, refletindo em sua qualidade.

Cenci et al. (2017) relacionam ainda a forma de lidar com o dinheiro e questões ligadas aos afetos e à felicidade conjugal. E Costa (2007) revela que a forma como os parceiros tratam o aspecto financeiro no relacionamento reflete na maneira como um ama o outro.

Deste modo, com base nos estudos citados que se referem ao manejo do dinheiro pelos casais como um preditor da qualidade conjugal, ressalta-se que pode existir relação entre um manejo adequado do dinheiro como um fator protetivo dos relacionamentos

conjugais, por ser apresentado pelos autores que quando os casais não entram em acordo no aspecto financeiro, pode desencadear em conflitos que podem prejudicar a relação.

Desta forma, Harth (2013) aponta para a importância que o dinheiro representa nos relacionamentos entre os casais e que tem despertado a atenção de pesquisadores pela facilidade com que gera conflitos conjugais, já havendo referências ao termo “infidelidade financeira” que está relacionada à atitude de um dos membros da relação omitir informações sobre questões financeiras, como o valor que ganha no trabalho, despesas que fez, contas que não foram pagas e movimentação bancária, de maneira que tais atitudes são apontadas como possíveis causadoras de conflitos conjugais.

Entretanto, situações conflituosas são inerentes aos relacionamentos conjugais e o que vai possibilitar um incremento da satisfação na relação é a maneira que os cônjuges utilizam para resolver os conflitos, que reflete também na manutenção dos relacionamentos (Mosmann & Falcke, 2011).

Neste sentido, considera-se que alguns fatores podem contribuir para que os casais passem pelo momento conflituoso de maneira saudável. Dentre estes, destaca-se o sentimento de apreciação que é um aspecto da gratidão e se constitui como um fator que pode contribuir para a manutenção saudável dos relacionamentos.

Nessa direção, Gordon, Impett, Kogan, Oveis, e Keltner (2012) ressaltam a importância de considerar o sentimento de apreciação dirigido ao parceiro, tido pelos autores como “o outro lado da experiência da gratidão”, como uma forma de ampliação da experiência de ser grato ao parceiro. Este comportamento apreciativo contribui na manutenção da relação dos cônjuges, refletindo também no compromisso deles com a relação.

Outro aspecto que pode contribuir para os cônjuges lidarem bem com a crise financeira relaciona-se ao manejo do dinheiro, como citado anteriormente e que, de

acordo com Cenci e Habigzang (2015), a forma como os cônjuges lidam com o dinheiro interfere de maneira qualitativa no relacionamento. Tal fato é abordado pelas autoras ao considerarem que a relação entre o aspecto financeiro e a conjugalidade é algo presente em todos os relacionamentos e que envolve certa complexidade para conduzir.

Diante do que foi exposto e entendendo-se ainda que as variáveis sócio demográficas são de grande relevância para compreender o perfil das pessoas casadas, entende-se a relevância de ampliar o entendimento dos fatores protetivos que podem auxiliar os casais a enfrentarem de forma satisfatória a pressão econômica causada pela crise financeira. Por esse motivo justifica-se realizar a pesquisa, destacando-se a necessidade de estudos neste sentido de modo a embasar as práticas de psicólogos no atendimento a casais com situações relacionadas a questões financeiras que, conforme mostra a literatura, são assuntos que corriqueiramente se apresentam como demandas no meio clínico.

Ressalta-se ainda o caráter social da mesma, no sentido de possibilitar que os casais encontrem apoio e reflitam sobre a situação que estão enfrentando e as estratégias que podem adotar para superarem a crise com a manutenção dos relacionamentos de maneira saudável.

Neste sentido, o estudo objetiva inicialmente conhecer a situação financeira de pessoas casadas brasileiras e as formas que elas utilizam para o gerenciamento do dinheiro do casal diante da pressão econômica, além de analisar a relação entre a pressão econômica e as variáveis sócio demográficas. E ainda, conhecer se a expressão de apreciação entre os parceiros e o manejo do dinheiro se constituem como explicadores da pressão econômica no enfrentamento da crise financeira pelos casais; verificar a relação entre apreciação, manejo do dinheiro e a pressão econômica; e compreender como utilizam a expressão de apreciação entre eles.

Nessa direção parece ser relevante responder as seguintes questões: Como está a situação financeira das pessoas casadas diante da crise financeira e quais as formas de gerenciamento do dinheiro que elas utilizam? Qual a relação entre a pressão econômica e as variáveis sócio demográficas no contexto da crise financeira vivida pelos casais? A apreciação e o manejo do dinheiro têm capacidade de explicar a pressão econômica diante da crise financeira?

REFERÊNCIAS

- Barbosa Filho, F. H. (2017). A crise econômica de 2014/2017. *Estudos Avançados*, 31(89), 51-60. Recuperado em 20 junho, 2017, de <https://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006>
- Cenci, C. M. B. & Habigzang, L. F. (2015). Relações entre significado, manejo do dinheiro e qualidade conjugal no início do ciclo familiar. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(2), 16-25. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Luisa_Habigzang2/publication/298433442_Relacoes_entre_Significado_Manejo_do_Dinheiro_e_Qualidade_Conjugal_no_Inicio_do_Ciclo_Familiar/links/5845999208ae61f75dd7c879/Relacoes-entre-Significado-Manejo-do-Dinheiro-e-Qualidade-Conjugal-no-Inicio-do-Ciclo-Familiar.pdf
- Cenci, C. M. B., Bona, C. S., Crestani, P. L. & Habigzang, L. F. (2017). Dinheiro e conjugalidade: uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 25(1), 385-399. doi: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-20>
- Costa, G. P. (2007). *O amor e seus labirintos*. Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, D., & Relvas, A. P. (2015). Crise econômica e dificuldades familiares: duas faces da mesma moeda? *Psychologica*, 58(2), 21-39. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/41561/1/Crise%20econ%C3%B3mica%20e%20dificuldades%20familiares.%20Duas%20faces%20da%20mesma%20moeda.pdf>
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), p. 379-394.
- Ferreira, S. I. (2014). *“Entre marido e mulher, a crise mete a colher”*: a relação entre prisão econômica, conflito e satisfação conjugal. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa, Portugal.
- Ferreira-Valente, A., & Coelho, L. (2015). *Gestão das finanças conjugais em tempo de crise económica*. Livro de atas do 1.º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa, 4749-4765.

- Garbin, A. S., Cenci, C. M. B. & Luz, S. K. (2015). Dinheiro e Conjugalidade. *Revista de Psicologia da IMED*, 7(1), 72-78.
- Gonçalves, A. L. (2016). *Conjugalidade e Gestão do Orçamento Doméstico: descrição e análise de aspectos psicológicos e relacionais dos casais entrevistados* (Dissertação de mestrado), Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru.
- Gordon, A. M., Impett, E. A., Kogan, A., Oveis, C., & Keltner, D. (2012). To have and to hold: gratitude promotes relationship maintenance in intimate bonds. *Journal of Personality and Social Psychology*, 103(2), 257-274.
- Harth, J. (2013). *O manejo do dinheiro pelo casal e suas implicações na qualidade conjugal*. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, Brasil. Disponível em: <http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/psicologia/teses-e-dissertacoes>
- Krigger, G., & Panichi, L. M. (2016). *A crise econômica no Brasil: influências nos indicadores financeiros das sociedades anônimas de capital aberto*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre - RS. Acesso em 20 de junho de 2017, disponível em <http://hdl.handle.net/10183/148431>
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, 12(2), 5-16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000200002
- Pignata, F. A. & Carvalho, D. O. (2015). Efeitos da Crise Econômica no Brasil em 2015. *Diálogos Acadêmicos*, v. 09, nº 2, p. 04-18. Recuperado em 20 junho, 2017, de <http://www.semar.edu.br/revista/downloads/edicao9/1-artigo.pdf>.

APRESENTAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Na tentativa de alcançar os objetivos desse estudo, este se encontra com a seguinte estrutura:

Introdução – foi descrita abordando a crise financeira no Brasil, interligando com pesquisas sobre o manejo do dinheiro e a apreciação em relacionamentos. Por fim, foram apontados os objetivos e problema de pesquisa que nortearam o estudo.

O Capítulo I - *Crise Financeira: impacto na dinâmica familiar e conjugal*, apresenta uma contextualização da situação de crise financeira que o país está enfrentando, abordando seu impacto na família e no relacionamento conjugal.

O Capítulo II – Artigo I – *Pressão Econômica e Conjugalidade: correlatos sócio demográficos*, aborda por meio de um artigo a situação financeira das pessoas casadas diante da crise vivida no país, as formas utilizadas por eles para gerenciarem o dinheiro no relacionamento conjugal e a relação entre as variáveis sócio demográficas e as dimensões da pressão econômica.

O Capítulo III – Artigo II – *Apreciação e Manejo do Dinheiro como Preditores da Pressão Econômica Enfrentada pelas Pessoas Casadas*, apresenta uma contextualização da Pressão Econômica vivenciada pelas pessoas casadas em situação de crise financeira, bem como no que se refere à apreciação e ao manejo do dinheiro como preditores desta pressão econômica vivida por elas nos relacionamentos conjugais.

Por fim, o Capítulo IV – *Considerações Finais*, aborda uma compreensão dos achados dos estudos em consonância com os objetivos apresentados.

CAPÍTULO I

CRISE FINANCEIRA:

O IMPACTO NA DINÂMICA FAMILIAR E CONJUGAL

RESUMO

A crise financeira que o país está enfrentando tem sido um dos assuntos mais discutidos pela sociedade e a mídia pelo fato de interferir diretamente na economia, comércio, turismo, saúde, alimentação e lazer, refletindo nas prioridades das pessoas e influenciando o dia a dia das famílias. O presente capítulo apresenta uma contextualização da crise financeira no Brasil e a forma como as dificuldades nas finanças impactam nas famílias e no relacionamento conjugal.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Conhecer a realidade econômica que o Brasil está vivenciando é indispensável para entender a forma como os consumidores se comportam diante dos gastos financeiros, acompanhando os rumos que o país pode tomar economicamente. Para os brasileiros, a inflação funciona como um limitador nos gastos e o momento atual tem causado apreensão em muitas pessoas que refletem se será possível darem conta das dívidas assumidas diante da alta dos preços e por não terem tido um planejamento prévio, o que deixa a população em situação de vulnerabilidade diante dos riscos da economia (Mendes, 2015).

A situação econômica que o Brasil está enfrentando é reflexo da crise que ocorreu em 2008 internacionalmente, atingindo diversos países da América Latina e do restante do mundo. Entretanto, além do que ocorria no âmbito internacional, o Brasil teve ainda uma maior queda na taxa de crescimento devido a uma série de ações políticas e econômicas equivocadamente aplicadas e que desencadearam de maneira mais séria em 2014 provocando a recessão atual na economia (Barbosa Filho, 2017), com incontáveis embates econômicos sobre a demanda e o que é ofertado.

Foram realizadas mudanças políticas de caráter monetário, que provocaram a elevação da taxa de inflação e diminuição da confiança do Banco Central, dificultando ainda mais as medidas para resolver o problema, além de políticas de caráter fiscal, com novos investimentos estratégicos principalmente no setor industrial e na exploração do pré-sal, aumento nas despesas, oferecendo incentivos e intervindo nos preços de comercialização dos produtos, mas que resultaram em um efeito inverso ao esperado, com a redução no crescimento do país economicamente (Barbosa Filho, 2017).

Num primeiro momento da crise internacional, conforme apresentado por Grun (2011), o governo brasileiro conseguiu intervir positivamente injetando recursos na

economia para que o país não sentisse tão fortemente como outras nações que foram mais afetadas. No entanto, chegou a um momento que não foi mais possível e as famílias passaram a sofrer as consequências da crise financeira.

Ressalta-se que tal situação indesejada, que ocorre em sociedades capitalistas e está relacionada com a diminuição do Produto Interno Bruto (PIB), desencadeia impactos nos setores produtivos, prejuízos econômicos, desestabilizando a relação entre o que é produzido e o que é consumido, ocasionando a falência de organizações de bens e serviços, que refletem na população com a falta de empregos e o aumento da situação de pobreza (Pignata & Carvalho, 2015).

Entretanto, não é por conta do valor pago ao trabalhador que as empresas não estão contratando, mas pela recessão econômica que afetou a demanda e as organizações não puderam manter toda a sua força de trabalho. Para Pochmann (2015) o mercado de trabalho está refletindo a situação econômica do país, de modo que foi possível registrar em 2015 tanto um acelerado crescimento na taxa de desemprego, quanto uma redução na média salarial dos trabalhadores naquele período.

Barbosa Filho (2017) aponta que só entre os anos de 2014 e 2016, o produto *per capita* no país teve uma redução de 9%, contribuindo para que a população tenha urgência por uma rápida recuperação financeira em virtude de como foi afetada pelas mudanças decorrentes do cenário que o país vivencia.

No entanto, não é simples a saída do Brasil da situação em que se encontra, pois mesmo com as ações junto à previdência, o estabelecimento de um teto para os gastos públicos e a redução da inflação, ainda levará tempo para que a crise econômica brasileira seja superada (Barbosa Filho, 2017), o que gera uma diminuição do poder de compra das famílias, devido à redução dos salários dos trabalhadores e a quantidade de pessoas que estão em situação de desemprego.

Conforme dados apresentados no mês de julho/2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), 26,3 milhões de pessoas estavam desempregadas. Tal fato corrobora com o que Krigger e Panichi (2016) destacaram à respeito de uma apreensão da população brasileira por ter conhecimento dos rumos econômicos do país e dos impactos que a crise irá gerar na sociedade.

E além do alto índice de desemprego, é válido destacar o cenário de endividamento que os brasileiros estão inseridos, de maneira que o Relatório de Estabilidade Financeira (REF), publicado pelo Banco Central do Brasil (BCB, 2014), apontou que o nível de dívidas das famílias brasileiras estava em 45,5% em relação à massa salarial do ano avaliado.

Em um relatório posterior, o Banco Central (2016) apresentou que continuava fragilizada a capacidade de recuperação da economia e que ainda era grande o número de pessoas inadimplentes no primeiro semestre de 2016, mantendo-se o cuidado para conceder empréstimos. E observou-se ainda a elevação no que se refere ao número de pessoas desempregadas e a diminuição do rendimento financeiro médio dos brasileiros.

Numa versão ainda mais recente do relatório, emitido pelo Banco Central em abril de 2017, destaca-se que as organizações pioraram a quantidade de empregos, impactando no crescimento e no risco da concessão de crédito às famílias, entretanto, houve uma redução no índice de endividamento dos trabalhadores, o que aponta para maior cautela para contraírem dívidas e espera-se que com a liberação dos recursos das contas inativas do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – FGTS em 2017, mais famílias tenham conseguido quitar ou reduzir suas dívidas (Banco Central, 2017).

Ribeiro e Lara (2016) tratam da situação, fazendo um apanhado do desenvolvimento financeiro do país ao longo dos anos e do acesso que foi dado para trabalhadores de baixa renda, tanto da zona urbana quanto rural, que mesmo sem

comprovarem salários, puderam ter acesso ao crédito, a qual foi considerada uma importante mudança, visto que em períodos anteriores apenas empresários e pessoas com comprovação de rendimentos poderiam adquirir produtos a prazo e acessar alguns serviços.

Tal fato foi possível pela abertura do mercado à massa trabalhadora para que pudessem utilizar amplamente cartões de crédito, fazer empréstimos, terem crédito para compra de imóveis ou transportes e cheques. E foi neste cenário que aumentou a necessidade de “educar as pessoas para as finanças”. Para isso, foi lançada em 2010 a Estratégia Nacional de Educação Financeira, tendo como uma das finalidades ampliar o conhecimento das pessoas para lidarem de maneira consciente com seus recursos. Entretanto, os autores consideram a política de Estado citada como uma forma de manipular os sujeitos à partir da lógica do capitalismo. Deste modo, não foi solucionado o problema das famílias brasileiras.

Enfatizando a situação descrita, ressalta-se o estudo realizado por Campara e Vieira (2016) com 595 pessoas cadastradas no Programa Bolsa Família (PBF), onde foi destacado que suas famílias passam por dificuldades financeiras, com dívidas, despesas maiores que os rendimentos, sem pouparem parte do que recebem por não ser suficiente nem para o pagamento das contas mensais.

No mesmo estudo, foi apontado que as pessoas que não tinham dívidas, sentem maior satisfação global com a vida, e das que tinham contas em aberto, revelaram o desejo de quitá-las futuramente, o que é um dado relevante para servir de base para ações de maior cuidado com o aspecto financeiro da população por estar associado à qualidade de vida das pessoas e aos aspectos emocionais, mesmo que as famílias consideradas pobres ou em extrema pobreza entre as entrevistadas, ainda percebam suas finanças de maneira positiva por serem amparadas pelo benefício do governo.

Outro tema importante no que se refere às finanças é levantado por Sequeira, Sá, Carvalho e Sampaio (2015), ao se referirem à saúde mental dos portugueses que foi afetada pela crise financeira, onde destacam a necessidade de preparar os profissionais de saúde para o cuidado de problemas sociais que podem levar ao adoecimento psicológico, como ocorreu no país em virtude das adversidades econômicas.

Foram apontadas pelos autores estratégias que podem ser adotadas pelos setores responsáveis pela Saúde Mental no sentido de facilitarem o acesso das pessoas ao tratamento, prezando por ações não medicamentosas em casos de menor gravidade, ampliando as discussões em outros contextos como o escolar e capacitando as famílias para lidarem com tais situações.

E para uma melhor organização das finanças, é destacado por eles que algumas ações podem ter reflexos positivos, como fazer um acompanhamento do que se recebe e do que é gasto, conhecendo detalhadamente quanto é gasto e com o que se gasta em alimentação, despesas de água, energia, deslocamento, ensino, bem como as despesas que não são programadas, dando atenção para conhecer em quais meses as contas são maiores para, antecipadamente, se organizar e evitar surpresas, as quais, quando surgem, implicam em contrair empréstimos para quitá-las ou no pagamento com cartões.

Ressalta-se ainda que para as pessoas que conseguem investir em poupança, mesmo as que não têm uma receita mensal elevada, os rendimentos podem ser um facilitador e tornar a situação mais tranquila e segura no aspecto financeiro, possibilitando até uma melhor preparação para a aposentadoria (Mendes, 2015). Desta maneira, compreende-se que com isso as pessoas sofreriam menos, ampliando as possibilidades de as famílias enfrentarem as dificuldades financeiras sem maiores transtornos da crise impactando na dinâmica das famílias.

1.1 Crise Financeira e a Dinâmica Familiar

Para tratar do impacto das finanças na vida familiar, faz-se necessário contextualizar brevemente a família ao longo do tempo para ampliar o entendimento.

O desenvolvimento histórico da família é definido em três etapas de acordo com Roudinesco (2003): sendo a primeira a família tradicionalista, que se preocupava em garantir a perpetuação do patrimônio, onde os pais se encarregavam de escolher com quem os filhos iriam se casar e se respeitava a decisão autoritária dele; a segunda foi a fase da modernidade na família entre os séculos XVIII e XX, que dá a possibilidade de realização amorosa, troca de sentimentos e satisfação carnal e romântica através da união conjugal, com divisão de responsabilidades entre o pai, a mãe e a sociedade; e por último, a terceira fase já envolve a pós-modernidade com os relacionamentos contemporâneos, nos quais é permitido se realizar sexualmente e concomitantemente, havendo um aumento no número de casais que se separam e outros que recasam.

Conforme apresentado, nos séculos anteriores era comum o patriarca da família ser autoritário e controlador de todas as decisões que envolvessem a esposa e os filhos, de modo que a família inteira participava do trabalho para a manutenção da casa. Entretanto, com a Revolução Feminista e a saída das mulheres do ambiente exclusivo do lar para adentrarem o mercado de trabalho e construírem a própria carreira, as responsabilidades não só de cuidado e atividades domésticas, quanto as financeiras precisaram ser redistribuídas (Walsh, 2016). Neste sentido, os costumes e a forma de manejar as situações familiares também precisaram ser revistas.

E é em meio a essa contemporaneidade que as famílias vivenciam além das adversidades que já são próprias dela, lidam ainda com o que a sociedade lhes oferece de facilidades e dificuldades, precisando se adaptar a cada fase para se manterem unidas. Neste aspecto, Pires (2014) relata que o seio familiar é sinônimo de apoio, onde a vida se

inicia e segue geralmente seu percurso até formar um novo lar, para a qual as vivências da família de origem são levadas na forma de lidar com as situações. Portanto, ao formar uma nova família, os costumes, a comunicação, ideias, a maneira de lidar com o dinheiro e com as prioridades, além do modo de manejar o relacionamento, serão influenciados positiva ou negativamente pelas experiências que os dois sujeitos tiveram ao longo da vida.

É importante considerar ainda a maneira como as famílias conseguem se adaptar frente às dificuldades, sendo resiliente no enfrentamento da crise, mesmo que esta possa afetar a saúde mental dos sujeitos de alguma maneira (Sequeira, Sá, Carvalho & Sampaio, 2015).

Mas para esta adaptação ocorrer bem é necessário que exista uma forte união entre os indivíduos de maneira íntima e afetuosa, de forma que exista uma decisão voluntária de abrir mão das próprias necessidades em detrimento de alguém, mesmo sem perder a individualidade (Coelho, 2016).

Este fato é percebido em situações de crises financeiras onde o altruísmo muitas vezes se faz presente quando a família se une para enfrentar as dificuldades, sendo que, na visão de Grun (2011) algumas medidas podem ser tomadas pelos familiares neste processo, como: reduzir as despesas poupando o que for possível, deixar o consumo para períodos posteriores e evitar situações conflituosas visando manter o foco de todos para a superação do cenário.

Há ainda outra variável que deve ser considerada e que tem feito parte das famílias na atualidade interferindo na dinâmica delas e necessitando de união e adaptação às realidades, como é exposto por Walsh (2016), ao relatar que a independência dos jovens, caracterizada pela saída da casa dos pais, tem sido adiada. E ao citar estudos com famílias americanas, a autora revela que pessoas com perspectivas menores de renda têm menos

chances de chegarem a um casamento e quando se casam, têm grandes chances de se divorciarem. E em meio a todo o período de adaptação ao contexto em que estão inseridas, as famílias lidam com as preocupações do mundo do trabalho, pressões por questões econômicas e as demandas inerentes à vida familiar, que em muitos casos que chegam ao meio clínico, precisarão ser avaliadas suas vivências e dificuldades para que seja buscada uma forma de adaptação dos membros sem maiores tensões.

Neste sentido, atualmente a mídia tem apontado as consequências da crise econômica para a saúde mental e os prejuízos que ela causa para as famílias, bem como a forma como ela interfere na qualidade de vida das pessoas, que costumam ter reações como tristeza e preocupação, podendo estar associada a casos de dependência química, violência no ambiente doméstico e tensão diante da criminalidade (Cunha & Relvas, 2015).

No estudo citado foi encontrado que quanto maiores os problemas financeiros, maiores as dificuldades enfrentadas na dinâmica familiar e, os sujeitos que consideram que o principal problema da família é a crise financeira, revelam-se mais insatisfeitos com o próprio rendimento, com a capacidade para resolver imprevistos financeiros, com a poupança e com os poucos recursos que têm diante das necessidades da família.

Deste modo, Pires (2014) refere-se ao estresse, depressão e ideação suicida como possíveis problemas que surgem em algumas famílias neste cenário, de maneira que a forma como a situação será conduzida norteará para desequilibrar ou reequilibrar o sistema familiar, por ser o funcionamento da família a base para a saúde mental do casal.

Portanto, compreende-se que o equilíbrio familiar implicará em menos sintomas depressivos e de ideação suicida. Consequentemente, quando a família funciona de maneira equilibrada, mesmo em situações de crise financeira, ela consegue ter melhor

adaptação se empenhando para solucionar as dificuldades e gerando menores influências negativas para o relacionamento conjugal.

E para que os conflitos não prejudiquem a relação em tempos de crise, é preciso manter a qualidade do relacionamento. Nesta perspectiva, Mosmann (2007) relata que esta resulta da interação entre os cônjuges, sendo importante uma auto avaliação de cada um deles no sentido de perceberem como as variáveis influenciam na relação, levando em consideração o meio onde estão inseridos, os recursos de ambos e o processo ou percurso de adaptação.

Mas para que a qualidade na relação esteja presente, é preciso que as pessoas se organizem e entrem em acordo também acerca de suas despesas. Neste sentido, Rosa (2016) destaca em estudo realizado acerca do endividamento dos americanos que as famílias, tanto de poder aquisitivo mais elevado quanto as de baixa renda, fazem escolhas a curto e longo prazo, relacionadas ao que precisa ser consumido bem como no que se refere à compra de bens de maiores valores, que podem ocasionar as dívidas.

Outro problema que existe e afeta as famílias brasileiras em tempos de crise é o que é explicado no guia criado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio – CNTC (2016), onde o presidente retoma que não são passadas as informações sobre finanças de maneira a educar as crianças e jovens na vida escolar para serem conscientes no que refere ao uso do dinheiro e capazes de decidir e gerir as próprias finanças de maneira acertada.

E tal fato reflete no endividamento das famílias, que não sabem lidar com o uso do dinheiro e não têm um planejamento financeiro adequado, seguido por todos, acabando por se deixarem influenciar pelo discurso midiático de satisfazer o desejo de comprar sem preocupação, pois é mais evidenciado o valor baixo das prestações e não o quanto o valor total poderá comprometer o orçamento após serem inseridos os juros do parcelamento. E

ao surgirem os problemas das dívidas e do que elas geram, os membros da família podem ter como consequências a diminuição do rendimento no trabalho, insatisfação, situações conflituosas e reações psicológicas negativas, além do impacto para o relacionamento conjugal quando estão vivenciando situações de dificuldades financeiras.

Deste modo, existe uma necessidade de se falar em finanças pessoais na contemporaneidade, visto que as finanças familiares são um conjunto da forma como cada membro gerencia os próprios recursos, portanto, as decisões sobre o que vai ser gasto implicarão na família como um todo. E na visão do autor, é indicado que haja uma relação proporcional de receitas e despesas, com o cuidado de não gastar mais do que é possível de acordo com os rendimentos da família, de maneira planejada, sabendo lidar com o que se deseja e o que é possível adquirir naquele momento (Pires, 2006).

Entretanto, nas famílias nem sempre é simples manejar tal situação e ao longo do tempo, os membros podem experimentar momentos de dificuldades em lidar com as finanças, seja por conta de redução nos ganhos, facilidade de comprar acima do valor recebido, juros em excesso, consumismo e inabilidade para gerenciar o dinheiro, podendo até ser pela falta de conhecimento, sem deixar de considerar que algumas variáveis podem ser influenciadoras na decisão de gastar, como *status, poder e luxo* (Borges, 2013). Desta maneira, é relevante avaliar e compreender o comportamento do consumidor e a repercussão que as dificuldades financeiras podem causar na vida das pessoas, das famílias, do relacionamento entre os cônjuges.

Cabe destacar ainda que na realidade das famílias brasileiras, é incomum um planejamento para a realização de sonhos, bem como uma poupança para lidar com imprevistos que possam acontecer, de modo que as pessoas não têm o hábito de planejamento e gestão dos rendimentos familiares, mesmo que a *educação financeira* tenha se tornado um tema largamente abordado nos últimos tempos (Mendes, 2015).

Tal fato tem ocorrido, conforme destaca a autora, em virtude da relevância de compreender mais sobre ela para possibilitar que o país se desenvolva economicamente e que os sujeitos vivenciem o mesmo processo. Mas para que o bem-estar financeiro seja possível, as pessoas precisam atentar para a necessidade de quitar suas dívidas, aprender como devem fazer investimentos e reservas, sem sentirem-se desmotivadas diante das dificuldades.

E a falta de planejamento pode acarretar ainda problemas com o Serviço de Proteção ao Crédito – SPC Brasil, de maneira que a compra a crédito torna-se inviável, podendo ter consequências também no aspecto social e familiar, de forma que a maneira mais comum adotada pelos brasileiros quando estão endividados é deixar de pagar ou solicitar empréstimos (Borges, 2013), devendo-se considerar que tanto uma forma quanto a outra implicam em juros que deverão ser pagos aumentando o tamanho da dívida.

Para o autor, na *Era do Consumo* os indivíduos tanto acumulam bens quanto adquirem produtos para se satisfazerem através das compras. Entretanto, nem sempre eles conseguem dar conta e as preocupações quanto ao aspecto financeiro podem lhes causar consequências por conta da pressão que elas acarretam.

Neste contexto, é válido destacar um conceito que vai de encontro com o que foi citado, tratando-se da “pressão econômica”, que é uma complexidade em manter as contas pagas, guardar recursos, aflição diante dos aspectos financeiros a serem ajustados e que causam preocupação, refletindo na satisfação no relacionamento do casal (Ferreira, 2014).

Conforme afirma Mendes (2015), a maior parte das pessoas só percebe a dimensão da dívida quando a situação se torna extrema, o que torna ainda mais difícil de ser solucionado. Para ela, uma forma de melhorar seria definindo metas ou objetivos com

períodos determinados para serem atingidos, mudando a maneira habitual de controlar o dinheiro, o que possibilita resultados positivos e viver com mais qualidade.

Em outro estudo divulgado pelo SPC (2016), relacionado ao “impacto da crise econômica na gestão das finanças pessoais do brasileiro”, são citadas medidas que precisaram ser adotadas pelas famílias no período de crise, como: a aquisição de mercadorias mais em conta mesmo que de marcas diferentes das de costume, redução de despesas com alimentação fora do ambiente doméstico, bem como a modificação de outros hábitos familiares. Os entrevistados relataram que a percepção da crise que o país enfrenta se dá ainda por sentirem no bolso o aumento em itens básicos como energia, água, telefonia e feira do supermercado, o que os levou a serem mais cautelosos na hora de gastar, pois tiveram de ajustar mais as finanças pessoais e da família como um todo.

Tais aspectos, conforme foi compreendido por meio dos estudos, interfere na dinâmica familiar por estar interligado por diversos fatores e provocar consequências para a relação. Entretanto, cabe destacar que o relacionamento do casal é a ligação familiar mais afetada em contexto de crise conforme será visto adiante, por ter ainda uma série de fatores próprios da conjugalidade que serão impactados pelo contexto de crise.

1.2 Crise Financeira e a Dinâmica do Casal

Com a compreensão das influências que as dificuldades financeiras podem causar na realidade das famílias, destaca-se a importância de estudar mais especificamente sobre a relação entre a crise financeira e o relacionamento conjugal.

Conforme afirma Coelho (2013), quando um casal se une para constituir uma nova família, as decisões que antes eram tomadas individualmente, precisam agora ser compartilhadas entre os cônjuges, podendo acontecer divergências entre as opiniões, necessitando de negociações para chegarem a acordos. O casal deve passar a entrar em

acordo sobre as decisões relacionadas à casa, os horários, despesas e reservas financeiras (Coelho, 2016).

Gonçalves (2016) relata ainda que a cultura do consumismo tem feito com que muitos dos casais vivam em uma realidade acima do padrão salarial que recebem e as dificuldades para conter as despesas impossibilita o investimento no futuro da família. E quando o dinheiro não é suficiente para o mês, a relação conjugal sofre desgaste com aspectos como a escolha de jantar em casa para não gastar com restaurante, a falta de viagens do casal para reduzir despesas, redução dos passeios em família e compras de roupas, por exemplo.

Além das mudanças que os cônjuges fazem para adaptarem o orçamento familiar às necessidades da família, existem ainda os conflitos que surgem quando um não concorda com a forma que o outro lida com o dinheiro. Neste sentido, Gonçalves (2016, p.15) faz relatos de frases comuns dos casais ao chegarem para o atendimento clínico, como:

“eu nem sei quanto ele ganha, fica escondendo dinheiro de mim, contando miséria”; “ela compra coisas escondida de mim e acha que me engana”; “ele torra o dinheiro todo com cerveja junto com os amigos”; “ela fica emprestando dinheiro para os parentes dela e eu que ‘pago o pato’”; “para trocar de carro ele não pensa duas vezes, mas para a gente viajar, só porque é importante para mim, ele diz que é caro”; “me diz por que mulher gasta dinheiro com tantas bobagens?”; “ele é descontrolado, acho que já gastou ‘milhões’ com aerodelismo enquanto a nossa casa anda caindo aos pedaços”.

Por conta de tais fatores, existem momentos em que os cônjuges precisam analisar os ajustes que podem ser feitos em suas prioridades, mudanças que em alguns sentidos, podem ser causa de desconforto e motivo de conflitos que provocam interferências na relação conjugal.

E pela forma como os casais lidam e administram o dinheiro, as receitas e despesas de casa, bem como a maneira com que o orçamento interfere na relação dos dois e vice-versa, ressalta-se a importância de compreender a interação com o macro e o microambiente em que o casal está inserido, sendo que o primeiro refere-se ao meio social, cultural, político e econômico e o segundo está associado ao contexto familiar, conjugal e a um nível mais individual, de maneira que ambos interferem na relação (Gonçalves, 2016).

Cunha e Relvas (2015) destacam ainda que o ajustamento conjugal depende de fatores importantes na vivência entre os parceiros, como finanças, religiosidade, diversão, amizades, atividades domésticas, percepção diante da relação, satisfação das necessidades sexuais, a forma como o afeto é expressado no relacionamento do casal e os interesses que são comuns aos dois, para os quais é necessário que estejam de acordo, pois quando ocorre uma situação de crise como o maior problema familiar, os casais indicam ter mais dificuldades no ajustamento e na satisfação conjugal.

No olhar das autoras, os cônjuges são o subsistema da família que é mais vulnerável a pressões e influências do meio externo, enfrentando mais desafios do que a família de um modo geral, pois o relacionamento do casal é o mais afetado.

Outro fator que merece destaque por conta da gravidade que pode representar quanto às suas repercussões é a situação de desemprego, por interferir na relação conjugal em virtude das dificuldades financeiras que muitas vezes se apresentam pela diminuição da renda familiar.

Quando ocorre situação de desemprego de um dos cônjuges, não só o aspecto financeiro é afetado na dinâmica do casal, mas existem consequências também relacionadas ao meio social, bem como à qualidade de vida dos sujeitos e da relação, de modo que cada pessoa tem uma forma de reagir em situação de desemprego e tais reações influenciarão no casal, mesmo considerando que por si só, o desemprego já é relacionado a situação estressante. Entretanto, é necessário, mesmo diante da situação adversa que a falta de emprego causa, ter resiliência para superar o momento com êxito (Dimas, Pereira & Canavarro, 2013).

Os autores afirmam ainda que, quando um dos cônjuges está desempregado, a postura de compreensão e companheirismo do parceiro permite um incremento no bem-estar do sujeito e tais atitudes são positivas para a relação, pois quando as pessoas percebem uma dificuldade em pagar suas contas, passam a apresentar mais sintomas de ordem psicopatológica e redução na qualidade de vida, como indicado na pesquisa.

Conforme relatam Artifon e Piva (2014), o endividamento ou os problemas financeiros como o que foi citado interferem abalando a estrutura da família e ocasionando dificuldades nos relacionamentos, de maneira que alguns entrevistados apontaram que o casal apresenta conflitos e briga por causa das finanças, gerando estresse, que pode estar associado também ao fato de precisarem dar satisfações aos cônjuges à respeito dos gastos ou de depender da renda do parceiro para as próprias despesas.

Na visão de Ribeiro, Frade, Coelho e Ferreira-Valente (2015), em seu estudo sobre a forma como a crise econômica afeta os casais, citam o desemprego, a redução das receitas da família, o peso das dívidas no orçamento e os efeitos gerados pela mudança nos hábitos para se ajustarem à realidade e enfrentarem os problemas financeiros, como mudar a forma de deslocamento por uma mais em conta, trabalhar em horário extra para aumentar os rendimentos, contrair dívidas para suprir as despesas cotidianas e levar a

comida para o trabalho como uma forma de economizar, que são ações que podem interferir psicológica e emocionalmente no relacionamento do casal e aumentar as discussões entre os cônjuges.

Os autores indicam que a crise impactou principalmente nas famílias de baixa renda. Para eles, seria positivo o auxílio de redes sociais como uma forma de dar suporte às famílias em situação de crise financeira.

Outra forma de diminuir os efeitos negativos da crise é o investimento que se faz na relação, como é apontado por Ferreira (2014), ao relatar que vivenciar problemas financeiros interfere na dinâmica conjugal elevando os níveis de conflito entre marido e mulher e causando uma redução no nível de satisfação deles para com o relacionamento conjugal, mas quando as mulheres notam que seu companheiro investe na relação, a satisfação delas com o relacionamento tende a ser aumentada, conforme indica a autora.

Neste sentido, são apresentadas na literatura formas utilizadas pelos casais para se manterem unidos diante de situações desafiadoras como em momentos de crise financeira.

Heckler e Mosmann (2016) indicam que a comunicação entre o casal pode ser utilizada como uma forma de facilitar a superação das situações conflituosas. Costa, Delatorre, Wagner e Mosmann (2017), apontam também que ser empático, saber perdoar, apoiar e manter a confiança permite que os cônjuges resolvam os conflitos conjugais.

Em estudo recente sobre as representações sociais das pessoas casadas acerca da crise econômica, foi apontado que mesmo diante da situação financeira em que o país se encontra e que afeta diretamente a vida das pessoas, os cônjuges entrevistados indicaram que o amor presente na relação funciona como uma motivação para se manterem juntos, ainda que se desentendam por conta dos conflitos referentes às finanças. Desta forma, foi percebido que os participantes apresentaram uma visão positiva sobre a conjugalidade

ainda que vivenciando a realidade econômica atual e que pode gerar reflexos para os relacionamentos conjugais (Portela, Freire, Araújo & Belo, 2018).

Portanto, o ajustamento dos cônjuges diante da situação de crise financeira vivenciada no Brasil elucida a importância de ambos encontrarem formas positivas de superarem as dificuldades mantendo a qualidade da relação, dando suporte um ao outro.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível compreender à partir do apanhado teórico a situação de crise financeira que o Brasil está enfrentando e a forma como ela interfere nas famílias e, mais especificamente na dinâmica conjugal. Foram apresentados estudos envolvendo os reflexos que as dificuldades econômicas causaram para as pessoas em outros contextos e apontado ainda as implicações dela para os brasileiros.

Deste modo, entendeu-se sobre como a falta de planejamento financeiro e a forma que as pessoas aprenderam a lidar com as finanças podem refletir em como elas vivenciam as situações de dificuldades como a perda do emprego, diminuição da renda, necessidade de redução ou de ajustes nas despesas, mudanças de hábitos e readaptação diante do contexto vivenciado.

Verificou-se, entretanto, por meio das literaturas envolvendo o tema que, apesar de já existirem muitos estudos acerca das finanças e o relacionamento de casais, ainda são poucas as fontes que possam ir além para verificarem como a crise financeira está inter-relacionada aos aspectos sócio demográficos da realidade brasileira e quais as formas que podem vir a proteger os relacionamentos do impacto das dificuldades enfrentadas pelos cônjuges, tendo sido portanto, percebida a necessidade de estudos explorando estes aspectos.

REFERÊNCIAS

- Artifon, S., & Piva, M. (2014). Endividamento nos dias atuais: fatores psicológicos implicados neste processo. *Psicologia.PT*, 1-41. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0771.pdf>
- Banco Central do Brasil. (2014). *Relatório de Estabilidade Financeira*. Brasília, v. 13, n. 1, p. 1-69, mar. 2014.
- _____. (2016). *Relatório de Estabilidade Financeira*. Brasília, v. 15, n. 2, p. 1-84, set. 2016.
- _____. (2017). *Relatório de Estabilidade Financeira*. Brasília, v. 16, n. 1, p. 1-69, abr. 2017.
- Barbosa Filho, F. H. (2017). A crise econômica de 2014/2017. *Estudos Avançados*, 31(89), 51-60. Recuperado em 20 junho, 2017, de <https://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.31890006>
- Borges, P. R. S. (2013). A influência da educação financeira pessoal nas decisões econômicas dos indivíduos. *VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica*. Universidade Estadual do Paraná. Disponível em: http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CSA/ECONOMICAS/04-Pborgestrabalhocompleto.pdf
- Campara, J. P., & Vieira, K. M. (2016). Beneficiários do Programa Bolsa Família: relações com as finanças e impacto na satisfação global de vida. *Nova Economia*, 26(3), 981-1006. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/2892>
- Coelho, L. (2013). O meu, o teu, o nosso dinheiro: contributos para o estudo da gestão das finanças conjugais em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 101, 89-110. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/5378>
- Coelho, L. (2016). Finanças conjugais, desigualdades de género e bem-estar: Facetas de um Portugal em crise. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 111, 59-80. doi: <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.6461>
- Brasil, Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio – CNTC (2016). *Guia para o trabalhador em tempos de crise!* Brasília, DF.
- Costa, C. B., Delatorre, M. Z., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2017). Terapia de Casal e Estratégias de Resolução de Conflito: Uma Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 208-223. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-3703000622016>
- Cunha, D., & Relvas, A. P. (2015). Crise econômica e dificuldades familiares: duas faces da mesma moeda? *Psychologica*, 58(2), 21-39. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/41561/1/Crise%20econ%C3%B3mica%20e%20dificuldades%20familiares.%20Duas%20faces%20da%20mesma%20moeda.pdf>
- Dimas, I. M., Pereira, M. D., & Canavarro, M. C. (2013). Ajustamento psicossocial, ajustamento diádico e resiliência no contexto de desemprego. *Análise Psicológica*, 1 (31): 3-16. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000100001

- Ferreira, S. I. (2014). *“Entre marido e mulher, a crise mete a colher”*: a relação entre prisão econômica, conflito e satisfação conjugal. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa, Portugal.
- Gonçalves, A. L. (2016). *Conjugalidade e Gestão do Orçamento Doméstico: descrição e análise de aspectos psicológicos e relacionais dos casais entrevistados* (Dissertação de mestrado), Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru.
- Grun, R. (2011). Crise financeira 2.0: controlar a narrativa & controlar a desfecho. *Dados* [online], 54(3), 307-354. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582011000300003>.
- Heckler, V. I., & Mosmann, C. P. (2016). A qualidade conjugal nos anos iniciais do casamento em casais de dupla carreira. *Psicologia Clínica*, 28(1), 161-182. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v28n1/a09.pdf>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. Rio de Janeiro-RJ. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html>
- Krigger, G., & Panichi, L. M. (2016). *A crise econômica no Brasil: influências nos indicadores financeiros das sociedades anônimas de capital aberto*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre - RS. Acesso em 20 de junho de 2017, disponível em <http://hdl.handle.net/10183/148431>
- Mendes, J. S. (2015). *Educação financeira para uma melhor qualidade de vida*. Trabalho de Conclusão de Curso. Unisul. Tubarão – SC.
- Mosmann, C. P. (2007). *A qualidade conjugal e os estilos educativos parentais*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre-RS. Disponível em: meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/.../1/000391609-Texto%2BCompleto-0.pdf
- Oliveira, V. S. (2014). *Finanças pessoais para casais*. Monografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba-PR. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/42133/R%20-%20E%20-%20VANESSA%20SIUNITI%20DE%20OLIVEIRA.pdf?sequence=1>
- Pignata, F. A. & Carvalho, D. O. (2015). Efeitos da Crise Econômica no Brasil em 2015. *Diálogos Acadêmicos*, v. 09, nº 2, p. 04-18. Recuperado em 20 junho, 2017, de <http://www.semar.edu.br/revista/downloads/edicao9/1-artigo.pdf>.
- Pires, M. M. P. (2014). *As repercussões do desemprego no funcionamento familiar e na saúde mental da díade conjugal*. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Sintra – Portugal. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3630/1/17972.pdf>

- Pires, V. (2006) *Finanças Pessoais Fundamentos e Dicas*. Piracicaba: Ed. Equilíbrio. 114 p.
- Pochmann, M. (2015). Ajuste econômico e desemprego recente no Brasil metropolitano. *Estudos Avançados*, 29(85), 7-19. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142015008500002>
- Portela, A. V. M.; Freire, S. E. A.; Araújo, L. F., & Belo, R. P. (2018). Crise Econômica no Brasil: uma análise das Representações Sociais de Pessoas Casadas. *Revista*, (submetido à publicação).
- Ribeiro, R. F., & Lara, R. (2016). O endividamento da classe trabalhadora no Brasil e o capitalismo manipulatório. *Serviço Social & Sociedade*, (126), 340-359. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.072>
- Ribeiro, R., Frade, C., Coelho, L., & Ferreira-Valente, A. (2015). *Crise Económica em Portugal: alterações nas práticas quotidianas e nas relações familiares*. Livro de Atas do 1º Congresso da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/1613/1/Crise%20Econ%C3%B3mica%20em%20Portugal.pdf>
- Rosa, E. S. T. (2016). As famílias na abordagem Minskyana: aspectos e desdobramentos do endividamento das famílias americanas no século XX e início do XXI. *Revista de Economia Política*, 36(1), 130-149. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-31572016v36n01a08>
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Sequeira, C., Sá, L., Carvalho, J. C., & Sampaio, F. (2015). Impacto da crise financeira e social na saúde mental. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (14), 72-76.
- Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) (2016). Impacto da Crise Econômica na Gestão das Finanças Pessoais do Brasileiro. Disponível em: https://www.spcbrasil.org.br/uploads/st_imprensa/analise_educacao_financeira_impacto_da_crise2.pdf
- Walsh, F. (2016). *Processos normativos da família: diversidade e complexidade*. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed.

PÁGINAS RESTRITAS
47 a 116 (CAPÍTULOS II, III E IV)

ANEXOS

Anexo I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do projeto: Pressão Econômica e Conjugalidade: apreciação do(a) parceiro(a) e manejo do dinheiro como explicadores da dinâmica conjugal

Pesquisador responsável: Profa. Dra. Sandra Elisa de Assis Freire

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí/CMRV – Programa de Pós Graduação em Psicologia (PPGPs)

Parecer de aprovação (Comitê de Ética em Pesquisa): 2.563.658

Pesquisador participante: Ariane Viana Martins Portela

Telefone para contato: (86) 99995-9223

Prezado (a) Senhor (a): Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Diante de qualquer risco de constrangimento, este deve ser comunicado à pesquisadora que lhe auxiliará com postura ética, garantindo sua privacidade. As pesquisadoras deverão responder todas as suas dúvidas antes de você se decidir a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

Objetivo do estudo: Conhecer a situação financeira das pessoas casadas e as formas de gerenciamento do dinheiro, bem como a relação entre as variáveis sócio demográficas e a pressão econômica e, ainda, verificar se a expressão de apreciação entre os parceiros e o manejo do dinheiro se constituem como fatores protetivos no enfrentamento da crise financeira pelos casais.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo aos seguintes instrumentos: *Escala de Apreciação em Relacionamentos*, na qual os participantes avaliam quão fortemente concordam com cada item em uma escala tipo Likert de 7 pontos (que vai de 1: discordo totalmente a 7: concordo totalmente) com situações envolvendo a experiência de apreciação do(a) parceiro(a); *Questionário sobre o Manejo do Dinheiro*, que envolve situações sobre como ele próprio ou o(a) companheiro(a) manejam o dinheiro na relação e as consequências das atitudes deles com questões financeiras; *Questionário sobre a Pressão Econômica*, que avalia a crise econômica através nos seguintes indicadores: “Dificuldade em pagar contas”, com uma escala do tipo Likert que varia de (1) Não temos dificuldade nenhuma a (5) Temos mesmo muitas dificuldades; “Dificuldade em poupar dinheiro”, utilizando uma escala de resposta de tipo Likert variando de (1) Não consegue poupar dinheiro a (4) Consegue poupar bastante dinheiro; Consta ainda de um conjunto de cinco questões, com uma escala de tipo Likert variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente), que avaliam o indicador “Preocupações financeiras”; e o indicador “Ajustamentos financeiros”,

que avalia por meio de 28 itens o que as pessoas casadas precisaram abrir mão no último ano por conta das dificuldades financeiras. Por último, o(a) participante responde a um *Questionário Sócio demográfico* com questões que abrangem informações como: idade, escolaridade, religião, orientação sexual e renda familiar, entre outras, que servirão para a caracterização da amostra. Estes instrumentos abordam aspectos relacionados ao tema em estudo e o tempo previsto para seu preenchimento é de 30 minutos.

Benefícios: Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, não trazendo nenhum benefício direto para você.

Riscos: O preenchimento destes questionários pode acarretar a presença de riscos de constrangimentos, uma vez que toca em assuntos relacionados dinâmica de seu relacionamento com seu(sua) parceiro(a). Caso ocorra essa situação, o preenchimento do questionário poderá ser interrompido a qualquer momento, sem nenhuma penalidade. No caso de alguma intercorrência, será garantida assistência psicológica ao participante da pesquisa, de forma acolhedora e ética.

Sigilo: As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelos pesquisadores. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu aceito participar desta pesquisa, escrevendo meu nome e dados neste consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

_____ (), _____ de _____ de 2018

Assinatura do Participante

Nº identidade

Pesquisador responsável

Anexo II - Escala de Apreciação em Relacionamentos (Gordon et al., 2012)

INSTRUÇÕES: A seguir são apresentadas 16 afirmações que podem se aplicar a você e seu parceiro(a). Usando a escala de resposta a seguir, coloque ao lado um número indicando o quanto concorda ou discorda de cada uma delas.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo moderadamente	Discordo um pouco	Nem concordo nem discordo	Concordo um pouco	Concordo moderadamente	Concordo fortemente

1. Eu falo frequentemente ao(a) meu(minha) parceiro(a) o quanto eu o(a) aprecio.	
2. Às vezes eu não reconheço ou trato o(a) meu(minha) parceiro(a) como alguém especial.	
3. Às vezes meu(minha) parceiro(a) fala que eu não percebo as coisas boas que ele(a) faz por mim.	
4. Eu reconheço as coisas que meu(minha) parceiro(a) faz por mim, até mesmo as coisas realmente pequenas.	
5. Às vezes eu não valorizo meu (minha) parceiro(a) por achar que sempre o(a) terei em minha vida.	
6. Meu(minha) parceiro(a) se certifica que eu me sinto apreciado(a).	
7. Eu digo ao(a) meu(minha) parceiro(a) frequentemente que ele(a) é o(a) melhor.	
8. Quando eu estou com meu(minha) parceiro(a), às vezes ele(a) olha para mim com entusiasmo e me diz o quanto me aprecia.	
9. Frequentemente meu(minha) parceiro(a) me fala as coisas que ele(a) gosta em mim.	
10. Por achar que nunca vai me perder, às vezes meu (minha) parceiro(a) não me valoriza.	
11. Meu(minha) parceiro(a) muitas vezes expressa sua gratidão quando faço algo legal, mesmo que seja realmente pequeno.	
12. Eu me certifico que meu(minha) parceiro(a) se sente apreciado.	
13. Meu(minha) parceiro(a) não percebe quando eu faço coisas legais por ele(a).	
14. Eu valorizo meu(minha) parceiro(a).	
15. Meu(minha) parceiro(a) faz com que eu me sinta especial.	
16. Às vezes eu sou surpreendido(a) por uma sensação de deslumbramento e admiração quando eu penso sobre o meu(minha) parceiro(a) estar em minha vida.	

Anexo III - Questionário sobre o Manejo do Dinheiro (Harth, 2013)

Em um relacionamento amoroso, a questão financeira e o manejo do dinheiro são temas do cotidiano. Interessa-nos saber como você e o(a) seu(sua) companheiro(a) lidam com esses assuntos. Sobre essa temática, são as perguntas a seguir.

1. Você sabe quanto seu(sua) companheiro(a) ganha?

() Sim. Qual é a renda dele(a)? R\$ _____

() Não.

2. Você considera que a renda familiar de vocês é suficiente para viverem?

() Sim.

() Não. Por quê? _____

3. Vocês contribuem igualmente nas despesas de casa?

() Sim.

() Não. Quem contribui mais? () Eu. () Ele. Por quê? _____

4. Você acha que seu (sua) companheiro(a) deveria contribuir mais do que contribui atualmente nas despesas de casa?

() Sim.

() Não.

Por quê? _____

5. Você concorda com a maioria dos gastos do(a) seu(sua) companheiro(a)?

() Sim () Não

6. Vocês brigam quando há um gasto indevido da parte dele(a)?

() Sim () Não

7. Quem de vocês dois controla o manejo do dinheiro do casal?

() Eu () Ele(a) () Ambos

8. Outras pessoas ajudam na renda de vocês?

() Não () Sim. Quem? _____

9. Enumere de 1 a 9, em ordem de prioridade, seus principais gastos:

() Alimentação

() Despesas de casa (aluguel, condomínio, água, luz)

() Interesses pessoais – Quais? _____

() Investimentos

() Lazer (televisão, internet, etc.)

() Saúde

() Transporte

- () Vestuário
- () Outros – quais? _____

10. Pensando em seu relacionamento conjugal atual, alguma vez você juntou suas finanças com seu companheiro(a) (exemplo: cartão de crédito em comum, conta bancária conjunta)?

- () Não () Sim. Que tipo de finanças vocês juntaram? _____

11. Você e seu(sua) companheiro(a) planejam os gastos financeiros em conjunto?

- () Não () Sim. Quais? _____

12. Qual das situações de manejo do dinheiro descritas a seguir você acredita que corresponde ao seu relacionamento conjugal:

- () Um de nós é responsável pelo gerenciamento de todo ganho financeiro do casal.
- () Um de nós destina um valor de seu ganho salarial para o(a) companheiro(a) gerenciar as despesas da casa.
- () Nós gerenciamos nosso dinheiro e as despesas da casa de forma conjunta.
- () Cada um de nós tem seu compromisso individual com as despesas da casa e mantemos nossas finanças separadas.

13. Qual das seguintes situações, se for o caso, você já cometeu em seu relacionamento conjugal atual?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
1. Escondi dinheiro do(a) meu(minha) companheiro(a)				
2. Escondi um pequeno gasto do(a) meu(minha) companheiro(a)				
3. Escondi um grande gasto do(a) meu(minha) companheiro(a)				
4. Escondi um extrato bancário do(a) meu(minha) companheiro(a)				
5. Escondi uma conta bancária do(a) meu(minha) companheiro(a)				
6. Menti ao(à) meu(minha) companheiro(a) sobre algo relacionado às finanças				
7. Menti ao(à) meu(minha) companheiro(a) sobre uma dívida que devia				
8. Menti ao(à) meu(minha) companheiro(a) sobre quanto dinheiro eu ganho/ganhava				
9. Peguei dinheiro do(a) meu(minha) companheiro(a) sem ele(a) saber				

14. Qual das situações a seguir, se for o caso, o(a) seu(sua) companheiro(a) já cometeu no relacionamento conjugal de vocês?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente
--	-------	-----------	----------	----------------

1. Meu(minha) companheiro(a) escondeu dinheiro de mim				
2. Meu(minha) companheiro(a) escondeu um pequeno gasto de mim				
3. Meu(minha) companheiro(a) um grande gasto de mim				
4. Meu(minha) companheiro(a) escondeu um extrato bancário de mim				
5. Meu(minha) companheiro(a) escondeu uma conta bancária de mim				
6. Meu(minha) companheiro(a) mentiu sobre algo relacionado às finanças				
7. Meu(minha) companheiro(a) mentiu sobre uma dívida que ele devia				
8. Meu(minha) companheiro(a) mentiu sobre quanto dinheiro ele(a) ganha/ganhava				
9. Meu(minha) companheiro(a) pegou dinheiro meu sem eu saber				

15. Se alguma das situações anteriores aconteceu, expresse seu nível de concordância com relação ao que ocorreu no relacionamento conjugal de vocês depois disso.

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
1. Tivemos uma discussão				
2. Passamos a ter menos confiança no relacionamento				
3. Separamos nossas finanças				
4. Chegamos a pensar em divórcio				
5. Ficamos mais unidos/ crescemos juntos				
6. Passamos a ter menos intimidade no relacionamento				
7. Não nos importamos com o acontecido				
8. Não conversamos sobre o assunto				
9. Outra. Qual? _____				

16. Tenho dúvida se meu(minha) companheiro(a) cometeu alguma das situações.

() Verdadeiro () Falso

17. Meu(minha) companheiro(a) não sabe que cometi alguma das situações.

() Verdadeiro () Falso

18. Devido a qualquer uma das “decepções financeiras”, vocês fizeram alguma nova reformulação a fim de mudar a forma como o casal gerencia as finanças de casa?

	Discordo completamente	Discordo	Concordo	Concordo completamente
1. Nós resolvemos nos comunicar mais abertamente sobre as finanças				
2. Nós resolvemos criar um orçamento dividido				
3. Nós resolvemos manter contas separadas				
4. Nós resolvemos fazer alguma coisa diferente				
5. Nós mantivemos tudo como estava, ainda que devêssemos ter mudado				
6. Eu não vejo necessidade de mudar				
7. Isso não é um problema no meu relacionamento atual				

Anexo IV – Questionário sobre a Pressão Econômica

1. Por favor, responda às seguintes questões de acordo com a escala que se segue:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

1. Temos dinheiro suficiente para ter uma casa adequada para nossa família.	1 2 3 4 5
2. Temos dinheiro suficiente para comprar a roupa que precisamos.	1 2 3 4 5
3. Temos dinheiro suficiente para comprar os produtos ou bens necessários para a casa.	1 2 3 4 5
4. Temos dinheiro suficiente para ter o carro que precisamos.	1 2 3 4 5
5. Temos dinheiro suficiente para comprar a comida que precisamos.	1 2 3 4 5
6. Temos dinheiro suficiente para os cuidados de saúde que precisamos.	1 2 3 4 5
7. Temos dinheiro suficiente para atividades de lazer.	1 2 3 4 5

2. Em que medida a sua família tem dificuldade em pagar as contas mensais?

- 1- () Não temos dificuldade nenhuma
- 2- () Temos poucas dificuldades
- 3- () Temos algumas dificuldades
- 4- () Temos muitas dificuldades
- 5- () Temos mesmo muitas dificuldades

3. Em que medida a família consegue poupar dinheiro por mês?

- 1- () Não consegue poupar dinheiro
- 2- () Consegue poupar pouco dinheiro
- 3- () Consegue poupar algum dinheiro
- 4- () Consegue poupar bastante dinheiro

4. Muitas famílias tiveram que diminuir despesas devido a dificuldades financeiras. Por favor, indique quais dos seguintes “cortes” teve de fazer nos últimos 12 meses:

	Sim	Não
1. Aceitei um trabalho extra para ajudar a pagar as despesas		
2. Usei poupanças para pagar despesas do dia-a-dia		
3. Tive de vender bens materiais		
4. Comprei mais bens a crédito do que costumava fazer		
5. Adieei a compra de bens importantes para a casa		
6. Mudei de casa para poupar dinheiro		
7. Reduzi contribuições para a igreja ou instituições de solidariedade		
8. Reduzi ou desisti do plano de saúde		
9. Reduzi ou desisti do seguro do automóvel		
10. Reduzi ou desisti do seguro da casa		

11. Reduzi despesas com a educação dos filhos (por exemplo, mudar de escola, reduzir atividades extracurriculares)		
12. Fiz mudanças na compra de alimentos ou nos hábitos alimentares para poupar dinheiro (por exemplo, comprar produtos mais baratos, levar refeições para o trabalho, cortar algumas refeições)		
13. Reduzi despesas com vestuário e calçado		
14. Passei a andar menos vezes de carro (transporte) para poupar dinheiro		
15. Reduzi o uso de eletrodomésticos em casa para não gastar tanta eletricidade		
16. Cortei despesas com atividades sociais e de entretenimento (por exemplo, cortar TV a cabo, desistir de atividade física/academia, deixar de ir ao cinema)		
17. Adiei cuidados de saúde médicos/dentários		
18. Deixei de pagar contas ou adiei o seu pagamento		
19. Adiei férias (viagens) que já estavam planejadas		
20. Pedi dinheiro emprestado para ajudar a pagar contas		
21. Recebi ajuda do estado		
22. Adiei o pagamento dos impostos da(s) nossa(a) propriedade(s)/casa		
23. Vendi bens para juntar dinheiro		
24. Confiscaram-me bens ou propriedades (por exemplo: o carro ou a casa)		
25. Comprei bens de “segunda mão” em vez de novos		
26. Fiz troca de bens ou serviços com outras pessoas		
27. Entrei em dívidas		
28. Assumi responsabilidades adicionais em casa para que outro membro da família pudesse trabalhar mais fora de casa		

5. Em que medida concorda ou discorda com as seguintes afirmações?

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

1. Tenho problemas para dormir devido aos meus problemas financeiros	1	2	3	4	5
2. Sinto-me preocupado porque não consigo pagar cuidados médicos adequados	1	2	3	4	5
3. Sinto-me muitas vezes preocupado devido à minha má situação financeira	1	2	3	4	5
4. A minha situação financeira é muito pior este ano do que era nos 12 meses anteriores	1	2	3	4	5
5. Não sei como serei capaz de me sustentar nos próximos 12 meses	1	2	3	4	5

Anexo V - Questionário Sócio demográfico

1. Idade: _____ anos
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Onde você reside? Cidade/Estado: _____
4. Quanto é sua renda familiar (a soma de todos que vivem na sua casa, inclusive você)?
() Até 1 salário mínimo
() Entre 1 e 3 salários mínimos
() Entre 3 e 5 salários mínimos
() Entre 5 e 10 salários mínimos
() Entre 10 e 20 salários mínimos
() Mais de 20 salários mínimos
5. O valor da renda da sua família indicado na questão anterior sofreu alterações no último ano? Marque uma das alternativas abaixo:
() O valor da renda familiar diminuiu. O que fez a renda familiar diminuir?

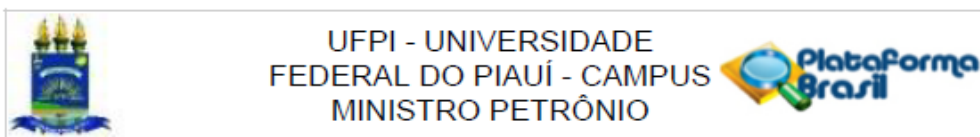
() O valor da renda familiar aumentou. O que fez a renda familiar aumentar?

() O valor da renda familiar permaneceu o mesmo
6. Estado civil:
() Namorando
() Noivo(a)
() Casado(a)/convivente
() Recasado(a)/segunda união
() Divorciado(a)
() Outro: _____
7. Quanto tempo (em meses) você está no relacionamento com seu(sua) parceiro(a)?

8. Escolaridade:
() Ensino fundamental incompleto
() Ensino fundamental completo
() Ensino médio incompleto
() Ensino médio completo
() Ensino superior incompleto
() Ensino superior completo
() Pós graduação
9. Com relação à sua religião/doutrina/crença, você se considera:

- Católico(a)
 - Evangélico(a)
 - Espírita(a)
 - Sem religião, mas acredito em Deus
 - Outro _____
10. Como você compreende a sua orientação sexual:
- Heterossexual
 - Homossexual
 - Bissexual
 - Outro: _____
11. Você exerce alguma atividade remunerada? Sim Não
12. Qual é sua atual situação de trabalho?
- Autônomo(a). Com o quê trabalha? _____
 - Empregado(a). Profissão: _____
 - Desempregado(a). Há quanto tempo? _____
 - Estudante
 - Aposentado(a)/pensionista
 - Não exerço atividade de trabalho fora do lar
13. Seu(sua) esposo(a) trabalha atualmente? Sim Não
14. Você tem filhos?
- Não
 - Sim. Quantos? _____ Qual a idade do(s) filho(s)? _____

Anexo VI – Parecer do Comitê de Ética UFPI



Continuação do Parecer: 2.563.658

/ Brochura Investigador	Projeto_CEP.pdf	09:47:04	Assis Freire	Aceito
----------------------------	-----------------	----------	--------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 26 de Março de 2018

Assinado por:
Herbert de Sousa Barbosa
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Ministro Petronio Portella - Pró-Reitoria de Pesquisa
Bairro: Ininga CEP: 64.049-550
UF: PI Município: TERESINA
Telefone: (86)3237-2332 Fax: (86)3237-2332 E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

Página 04 de 04

